

SURYOYE

ܣܘܪܝܘܝܐ

SÃO PAULO - ABRIL/2015

NESTA EDIÇÃO:

ORAÇÃO INICIAL	1
A MULHER E A IGREJA DE ANTIOQUIA	2
A ORAÇÃO	3
RITUALÍSTICA	6
PALAVRAS DA BÍBLIA	8
NOSSO PATRIMÔNIO SOCIAL E CULTURAL	8
SAIFO—O GENOCÍDIO DOS SIRÍACOS	10
TEXTOS EM ARAMAICO	14
TEXTO EM FRANCÊS	16

ORAÇÃO INICIAL

Na manhã em que surgirá Tua Luz
sobre o Mundo
(beSáfro dëve donah_h nuhrokh ál óulmo)

Na manhã em que surgirá
Tua luz sobre o mundo
Apresentar-se-ão as criaturas
E à Tua Cruz reverenciarão;
Vir-lhe-á então a notícia,
À Igreja Santa,
“Eis que Satanás é caído
Pela força da Cruz”
Aleluia
E cada qual de sua região
Agradecerá e glorificará!



Altar-mor da Igreja de Santo Ananias —
493 d.C.— Mardin/Turquia

ܡܕܝܨܠܐ ܘܚܒܠܐ ܘܡܨܝܒܐ ܨܝܠܐ - ܠܐܝܢܐ ܩܪ
ܚܡܝܘܒܐ - ܐܘܨܝܒܠܐ ܘܠܐܘܨܝܠܐ

(Oração da manhã da sexta-feira -

Livro de Orações da Semana Comum da Igreja Siríaca Ortodoxa)

INFORMATIVO SURYOYE

Suryoye é um órgão de divulgação interna da Igreja Siríaca Ortodoxa de Santa Maria.

Layout - Camila Sowmy
Artigos - Peter Sowmy
Revisão - Aniss Sowmy

IGREJA SIRIACA ORTODOXA

Na Igreja Siríaca Ortodoxa de Santa Maria as missas são rezadas em aramaico e português, aos Domingos às 11h00 na Rua Padre Mussa Tuma, 3, bairro Vila Clementino, São Paulo/SP.

Padre Gabriel está à disposição para atender os fiéis, telefone (11) 5581-6250.

ESTAMOS NA WEB

WWW.SIRIACORT-SANTAMARIA.ORG.BR

A MULHER E A IGREJA DE ANTIOQUIA

(CONTINUAÇÃO DO NR 70)

Antes de iniciar outra visão a respeito da situação da mulher na Igreja Siríaca, é preciso complementar algumas informações sobre as ordens eclesiásticas da mulher, na Igreja Siríaca.

Já vimos anteriormente que as ordens templárias das mulheres, no tempo pré-cristão, foram levadas do Oriente para a Grécia, pelas mãos dos navegantes fenícios. Tínhamos na antiguidade sumero-assíria as sacerdotisas que podiam chegar a ser sumo-pontífices, ou seja; a sacerdotisa era hierarquicamente chefe de sacerdotes e sacerdotisas (por exemplo En-hedu-ana- v. Suryoye nr 65). Não havia superioridade ou inferioridade por causa do sexo, fosse masculino ou feminino. Quando essa hierarquia fora levada à Grécia, pelos navegantes fenícios, esses faziam distinção e por isso, também os gregos o faziam e então havia uma sumo-pontífice para as sacerdotisas e um sumo-pontífice para os sacerdotes. Quando surgiu o cristianismo, em Judá, entre os judeus não havia sacerdotisas, somente havia sacerdotes homens e um sumo-pontífice homem e isso, por sua vez, é atribuído ao sistema hierárquico dos caldeus, copiado pelos judeus no exílio e levado com eles quando retornaram a Judá. Os caldeus eram a tribo de sacerdotes dos arameus que admitiam, naquela época (VI século a.C.) somente sacerdotes homens. Vimos também que Cristo, contrariando os preceitos judeus, valorizou a mulher, fazendo com que elas fossem pregadoras da filosofia de vida cristã e ainda não nos esqueçamos que foram três mulheres que cuidaram de Seu sepulcro e que em Sua magnífica ressurreição, um anjo apareceu para elas e não para os discípulos homens, ou seja, Cristo escolheu as mulheres para serem as primeiras a saber da Sua ressurreição e as primeiras a informar o mundo sobre essa ressurreição.

Toda essa situação, acima exposta, fez com que se retomasse a valorização que Jesus propôs à mulher e redundou na proposta do **Didasqalia** que ordenava ao episcopo que ordenasse diaconisas. Aqui vale entendermos o significado da palavra “diaconisa” e o resultado disso na Igreja Siríaca.

No templo assírio havia o sacerdote chamado **kahënum** (em aramaico é **kohno**) e o servidor do templo, **xamextum** (em aramaico erudito é **mëxamxono** e no popular é **xamoxo**). Os gregos adotaram essa estrutura e a nós interessa, nesse momento, o servidor. No caso, temos a palavra **Diaconisa** que provem do termo grego **diácono** que significa **servidor**. Na Igreja Siríaca usamos o termo **mëxamëxono** (ë – usamos para indicar que a pronúncia dessa vogal “e” é muito curta, quase imperceptível ao ouvido) e o feminino é **mëxamëxonitho**.

A partir da organização da Igreja, tal como os sacerdotes, temos também duas ordens de diaconisas; a reclusa e a não reclusa; esta última pode ser solteira ou casada, mora com o pai ou com seu marido e filhos, com a família e passa a ser somente cantora (**mëzamronitho**) e, obviamente, somente cantava durante as cerimônias bem como ensinava às novatas os cantos e hinos da Igreja. Já a reclusa era (e é) geralmente celibatária e seria ordenada freira e se chamava **dayroyto**, ou seja “moradora do convento” (**dayro** em aramaico é convento). A partir do século V, as celibatárias já vivem em conventos (**dayrotho** – plural de **dayro**) e as funções a que se refere o **Didasqalia** passam a ser exercidas pela **dayroyto**.

PARA SABER MAIS:

Mosteiro de São Gabriel – uma Universidade do Saber in **Suryoye** nr. 36, pg. 4 e 5, abril - 2009. São Paulo. Brasil. (<http://www.igrejasiriansantamaria.org.br/journalsuryoye/suryoye36.pdf>)

A Mulher e a Igreja de Antioquia in **Suryoye** Informativo nr. 65, pag. 3 - abril, 2014 (<http://www.igrejasiriansantamaria.org.br/journalsuryoye/suryoye65.pdf>)

A ORAÇÃO-IV

(CONTINUAÇÃO DO Nº 70)

Quando pronunciamos a palavra “oração”, logo nos vem à mente que vamos pedir algo a Deus. Não é assim na Igreja Siríaca de Antioquia.

Quando analisamos a origem das orações na Igreja Siríaca, vemos que são expressões da relação do ser humano com Deus, esse ser humano autóctone do Oriente Médio que ocupava desde o Mediterrâneo Oriental até chegar à divisa leste da Mesopotâmia, passando pela Anatólia (sul da Turquia), Fenícia (Líbano), Canaã (Israel, Palestina e Síria) e Mesopotâmia (sudeste da Turquia, Iraque e Oeste do Irã). Na oração desse ser humano, vemos que há expressões de alegria, júbilo, glorificação, louvor, solicitação de perdão e solicitação de graças bem como os ensinamentos de Jesus Cristo, sem contar ainda os exemplos de vida dos mestres e mártires os quais, ambos por isso, consideramos como santos e santas da Igreja.

Porquanto essas expressões são características de muitos povos da antiguidade o que chama a atenção é que tal como o povo assírio da era pré-Cristã cantava suas orações, assim também as orações da Igreja Siríaca são cantadas. Tal como a cerimônia por completo dos assírios era encenada e cantada pelos sacerdotes, servidores e cantores do templo também assim o é, desde o princípio, na Igreja Siríaca; toda a cerimônia é encenada e cantada pelo sacerdote, diáconos e cantores (ou pelo sacerdote, freiras junto com as diaconisas e cantoras; observemos que a freira não é sacerdotisa na Igreja Siríaca- v. *Suryoye* números 70 e 71 – **A Mulher e a Igreja de Antioquia**).

Prof. Abrohom Gabriel Sowmy, mestre e diácono da Igreja Siríaca, que durante anos ensinou e incutiu em seus alunos que essa encenação e canto eram equivalentes a uma grande ópera em que o público compreende a trama através da poesia e da música, pois isso atrai a atenção do espectador de diversas maneiras, através da sensação da visão e da audição, assim também, a cerimônia religiosa deveria atrair a atenção do fiel e aqui havia ainda um adicional que trazia outras vantagens: a sensação do olfato, a sensação do paladar e a sensação do tato, ou seja, o ser humano deve sentir a cerimônia com todos os sentidos e sensações humanas.

Vamos tomar como exemplo, a cerimônia da Paixão e Morte de Jesus Cristo, já que estamos praticamente na Semana Santa de 2.015 (neste ano de 2.015 a Sexta-Feira da Paixão será no dia 10 de abril).

Essa cerimônia é dividida em 4 grandes partes:

1ª Parte – A cerimônia inicia com uma procissão que sai pelo flanco sul da igreja, passando pelo oeste, entrando pelo norte e terminando de frente ao altar-mor (lembramos que o altar-mor está voltado para o leste - v. *Suryoye* nr. 49 para entender porque desse direcionamento do altar-mor). Observemos que todas as demais procissões da Igreja Siríaca iniciam pelo flanco norte, passando pelo oeste, entrando pelo sul e acabando de frente ao altar-mor olhando para o lado leste). Caminhando em passo lento, o sacerdote carrega a cruz (em muitas regiões do Oriente, em especial Tur Abdin, no noroeste da Mesopotâmia, ele a carrega sobre o ombro direito, imitando Cristo quando caminhava ao Calvário), em sua frente caminha um diácono com um pequeno sino que deverá tocá-lo poucas vezes, soando-o em sincronia com o acento tônico dos versos que estão sendo cantados pelos diáconos e povo; em seguida vem o diácono com o turíbulo incensando e caminhando de costas pois está voltado de frente ao sacerdote e também 2 diáconos com velas em castiçais com pedestal; atrás do sacerdote caminham 2 diáconos com os leques musicais levantados obliquamente e os tocam suavemente (v. página 6 neste número para saber sobre esse posicionamento dos leques musicais), também dando o ritmo aos cantores, depois vem os demais diáconos formando 2 filas indianas (se houver mais instrumentos musicais portáteis como címbalos, castanheiras, outros leques musicais etc, eles deverão vir após o último diácono) e atrás deles segue todo o povo. Tanto os diáconos quanto o povo, cada qual carrega uma vela acesa. Enquanto andam, cantam hinos de tristeza e de paixão que relatam a via de sofrimento que Cristo foi obrigado a percorrer até o monte Gólgota; não nos esqueçamos que sofrimento é o significado básico da palavra “paixão” em português (em aramaico, “paixão” é **haxo**). Observemos que nessa parte são trabalhados quatro dos cinco sentidos básicos: audição, visão, olfato e tato ou seja: poesia e música-audição; sacerdote, diáconos e povo andando (procissão) –visão; perfume do incenso – olfato; velas sendo levadas na mão - tato. Ainda assim, observemos que os instrumentos nas mãos dos diáconos e cantores, tal como os leques musicais concorrem em dois sentidos: audição e visão

A ORAÇÃO-IV

(CONTINUAÇÃO)

que o turíbulo (que deve ter 3 chocalhos por corrente) concorre nesses dois e mais na sensação do olfato, por causa do incenso. Apesar da movimentação, o povo não perde a concentração, pois as melodias são tristes e transmitem sensação de sofrimento, além dos poemas cantados que definem essa sensação (a primeira dessas orações, “**sleq ladSlivo** = subiu à cruz”, encontra-se traduzida em Suryoye número 41).

2ª Parte - Quando a procissão chega à frente do altar-mor, a cruz é colocada no seu pedestal e de cada lado fica uma das velas. Inicia-se então a 2ª Parte. O ponto alto dessa parte é quando o sacerdote se põe à frente da cruz e a incensa com o turíbulo cantando “*reverenciamos o Crucificado que através Dele aconteceu nossa salvação e com o ladrão dizemos ó Messias, lembra-Te de nós quando Tu vieres*” (em aramaico, a palavra que designa “cruz” e “crucificado” – **dSlibo / dSlivo** – é a mesma); em seguida, todos respondem com a mesma estrofe e melodia. Enquanto todos respondem, o sacerdote faz uma volta de 360° incensando à sua volta e esse canto e esse procedimento ele repete por mais 2 vezes. Em seguida, os diáconos, um a um, vão tomando o turíbulo e procedem com o mesmo canto e a mesma volta de 360° porém, somente uma vez cada um. Ao término, a cortina do altar-mor é descerrada parcialmente para simbolizar a rachadura na porta do templo do sinédrio em Jerusalém, tal como ocorrera na morte de Cristo (v. Mateus capítulo 27 versículos 50 e 51). A vela do lado sul a qual está à esquerda de Cristo é quebrada, simbolizando o ladrão que zombou de Jesus na cruz e também porque o ladrão não morrera e os judeus não podiam realizar nenhum trabalho, inclusive enterros, no sábado que iniciava quando o sol se punha na sexta-feira, então, quebraram-lhe os membros para acelerar sua morte. Jesus, como morrera na cruz, não Lhe quebraram os membros. Nessa parte da cerimônia também, concorrem os mesmos quatro sentidos.

3ª Parte – Depois disso, existe outra seqüência de cantos e por fim o sacerdote retira a cruz de seu pedestal e a coloca num ataúde já preparado e todos saem numa segunda procissão, como que levando o corpo de Jesus ao sepulcro. Dessa vez, a procissão sai pelo lado tradicional, qual seja, o lado norte, passa pelo oeste, entra pelo flanco sul e dirige-se ao altar-mor. Imediatamente antes de entrarem no recinto da igreja, os quatro homens (em geral são diáconos) que estão carregando o ataúde sobre os ombros, levantam-no com os braços esticados para o alto e cada um, desde os diáconos até o último integrante do povo que estava na procissão, passa por baixo do ataúde, levanta a mão e encosta os três dedos da mão direita no fundo do ataúde enquanto solicita, somente em pensamento, algo a Deus (as crianças são ensinadas a solicitar saúde aos enfermos, encerramento de guerras, paz para as comunidades cristãs e outras não cristãs vizinhas etc) e em seguida faz o sinal da cruz. Enquanto isso, os diáconos continuam andando em duas filas indianas até chegarem à frente do altar principal. Eles devem cantar até que o último integrante do povo passe sob o ataúde e esse, em seguida é levado e depositado sobre uma pequena mesa na frente do altar. Aqui também a cerimônia faz uso das mesmas quatro sensações exceto que a do tato é reforçada pelo ritual da passagem sob o ataúde. Duas das orações cantadas durante esta segunda procissão encontram-se traduzidas em edições diferentes de *Suryoye* (**qevurte damxiho malkan** – no número 47 e **bixit odom qadmoio**, no número 36). Ambas são cantadas com a mesma melodia lenta e melismática (cada sílaba é cantada com muita mo-

Páscoa até Pentecostes 50 dias de Caridade.

Fundo de auxílio dos idosos

Faça um donativo de qualquer valor em nome da:

Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria

Banco: Santander: 033

Conta Corrente: 13000212-9

Agencia: 2174

A ORAÇÃO-IV

(CONTINUAÇÃO)

dulação) o que faz com que haja uma sensação de quietude por parte do ouvinte (e também do cantor), trazendo-o à concentração.

4ª Parte – essa é a parte final da cerimônia. O sacerdote toma a cruz que estava no ataúde e submerge-a numa bacia que contém água e vinagre, simbolizando o sofrimento que Jesus Cristo teve na cruz quando pediu água e os soldados Lhe deram vinagre (v. Mateus cap. 27 versículo 34). Depois ele seca a cruz e a enfaixa com algodão junto com o incenso que não foi queimado, até ela desaparecer por completo sob o volume do algodão. Em seguida, envolve tudo em um tecido de linho branco e a amarra e partem para o ritual final que é o “enterro da cruz” realizado atrás do altar-mor. Em seguida o sacerdote fecha os acessos para a parte de trás do altar formando um “X” (letra xiz) com um leque musical e um castiçal com pedestal ou com dois castiçais com pedestal em cada lado do altar, deixando dentro da “sepultura” somente uma candela que ficará acesa até o domingo da Ressurreição Gloriosa de Cristo. Esse “enterro da cruz” simboliza o enterro de Jesus Cristo na pequena caverna que pertencia a José de Arimatéia (em aramaico: **Yaussef men Romêtho**) que reclamara o corpo de Jesus a Pilatos para O enterrar antes do início do sábado (v. Lucas capítulo 23 versículo 50). Durante todo o tempo seguem-se cantos tristes visto ser essa uma cerimônia de exéquias e todos estão tristes porque Cristo morreu. A única melodia que possui um ritmo mais acelerado, ainda que não muito, é o canto da “Glória a Deus nas alturas...” melodia essa que os pastores ouviram os anjos cantarem no nascimento de Jesus e é repetida ao final das exéquias de Cristo. Depois vem o canto do Credo em que um diácono canta solo, usando a melodia especial da Semana Santa (essa melodia é repetida diversas vezes durante a Semana Santa, em aramaico diz-se Semana da Paixão = **xavu’o dēhaxo**)

Em geral, no final, o sacerdote faz uma homilia lembrando o que se comemora (Paixão e Morte de Jesus Cristo) e o significado disso para nós, cristãos e para o mundo. Ao terminar, ele dá sua bênção final, fazendo três vezes o sinal da cruz. Em seguida, todos bebem um pouco da mistura de água com vinagre imitando e lembrando o sofrimento de Jesus na cruz. Nesse momento, além dos quatro sentidos de todas as três partes anteriores, entra o quinto sentido que é o paladar. Essa quinta sensação reforça o sentido da cerimônia de tal forma que o fiel se torna parte da cerimônia, do ritual, e não somente um espectador; mesmo que ele não houvesse cantado, mesmo que fosse cego e surdo; ainda assim ele se torna parte do ritual ao entendê-lo e simplesmente beber a água com vinagre.

Num teatro seja numa peça musical moderna ou numa ópera erudita, o público é somente ouvinte e espectador, ele não participa diretamente da execução da peça. Na Igreja Siríaca, o fiel, além de espectador, também é partícipe da cerimônia, sem ele, a cerimônia não pode existir. O cantor do teatro canta e se apresenta ao público, nem que seja para um único espectador, se não houver platéia, a peça é suspensa. Na Igreja Siríaca, os fiéis comportam-se como platéia e como atores ao mesmo tempo. Essa é a grandiosidade da cerimônia na Igreja Siríaca e confirma as palavras de Jesus: **“onde pois estiverem dois ou três reunidos em meu nome, lá estarei eu entre eles”** (Mateus capítulo 18 versículo 20).

O sacerdote e os diáconos devem conduzir a maior parte da cerimônia contudo, no final, é o povo, são os fiéis que atuam dando corpo e alma à cerimônia.

Referências:

IghnaTius Yaaqūv tēlithoio, PaTeriarkho daīto surioito dAntiukhia uadkule madhenho. **Tekso da Mēaadhaedhono**. Lebnon, 1978.

(KINOTHO) **Kirchliche-Hymnen der Syrisch-Orthodoxen Kirche Von Antiochien**. Bar-Hebraeus Verlag. Holland - 1993.

Galpin, Francis W. – **The Music of the Sumerians And Their Immediate Successors, The Babylonians and Assyrians**. University Press. Cambridge. 1937.

RITUALÍSTICA

No número 60 de Suryoye, mencionamos alguns instrumentos de percussão que são os que podem caminhar com a procissão a qual, em aramaico, chama-se: **hago**. Além disso, a função básica dos instrumentos de percussão é fornecer a base do ritmo das melodias. Os outros instrumentos tal como os de corda ou de sopro dão também a base melódica e harmoniosa das músicas utilizadas; no entanto os instrumentos de corda da época (por exemplo: a harpa, a cítara, o alaúde etc) eram difíceis de portar e caminhar em procissão e por isso, não caminhavam na procissão.

Hoje, devido às perseguições e genocídios contínuos a que as Igrejas de Antioquia, Alexandria e a Bizantina bem como a Armênia vem sofrendo há pelo menos 14 séculos no Oriente Próximo e Médio e também no norte da África, os instrumentos de corda e sopro praticamente estão extintas. É difícil encontrar-se músicos que conheçam a música oriental sacra e as liturgias orientais para se formarem conjuntos (ou orquestras) nessas Igrejas. Com isso, sobraram somente os instrumentos de percussão e mesmo assim, tambores, tamborins, bumbos e zabumbas estão extintos visto que os muçulmanos os proíbem em lugares sacros deles e assim, forçaram também os cristãos e outros povos a abandonarem esses instrumentos (até 1950, também nas sinagogas dos judeus nos países do oriente; após 1950, os judeus migraram para Israel e agora estão reativando o uso desses instrumentos nas sinagogas).

De todos os instrumentos de percussão, o único que possui uma função além da musical é o “*leque musical*”. Esse instrumento não é utilizado no ocidente e nem na Igreja Romana (Igreja Católica Apostólica Romana) e as que dela derivaram enquanto isso é largamente utilizado na Igreja de Antioquia.

Se bem tocado, o “*leque musical*” consegue dar o ritmo da melodia que é cantada pelos diáconos e povo em conjunto. Essas melodias, como são de “batida” bem definida permitem o uso fácil do “*leque musical*” e se o diácono que o toca entender um pouco de música conseguirá dar o ritmo que os cantores seguirão.

Na antiguidade cristã, eram utilizados muitos pares de “leques musicais”, divididos em dois grupos ficando cada grupo em cada lado do altar, assim, havia um grupo no lado direito do altar e outro grupo no lado esquerdo, pois na maior parte das vezes, o canto era (e ainda é) antifônico, ou seja, um grupo canta e o outro responde usando mesma melodia e ritmo porém com letra diferente. Durante a execução do canto, os “leques musicais” são mantidos na posição vertical apoiados sobre o chão do altar (aqui estamos usando o termo “altar” para toda a área onde se localiza o altar e não o altar propriamente, qual seja a mesa em que se oferece o pão e o vinho, a eucaristia).

Em aramaico, o “*leque musical*” é chamado de **marwahetho** e no plural: **marwahotho**. O vocábulo **marwahetho** significa “leque”, aquele dispositivo que ao ser movimentado provoca uma brisa. Em muitos lugares, o “*leque musical*” possui um disco em cujas bordas são presos 12 guizos e ao se movimentar em movimento oscilatório, os guizos que estão frouxamente presos por anéis, chocam-se contra o disco e dão o ritmo, conforme o diácono movimenta o eixo vertical (o cabo) do “*leque musical*”. Igrejas há em que a **marwahetho** possui um disco em formato semi-circular ou às vezes até menor que um semi-círculo (arco em torno de 150°), porém, ainda assim, deve possuir os guizos que devem ser 12 no total.

As simbologias que a **marwahetho** traz são muitas. A primeira é que os 12 guizos simbolizam os 12 discípulos de Jesus Cristo e o som que emitem simbolizam as palavras do Espírito Santo transmitidas pelos discípulos de Jesus.

As **marwahotho** somente não ficam na posição vertical e são levantadas do chão e posicionadas obliquamente ao chão, em 2 momentos diferentes da missa:

1. quando o sacerdote apresenta o pão e o vinho como sacrifício. Nesse momento, a cortina do altar está cerrada e o povo e os diáconos cantam a litânia da comunhão (em aramaico: **qatulíqi**);
2. quando o sacerdote apresenta a pátena e o cálice ao povo, glorificando a Deus pelo Seu sacrifício em prol do ser humano, em seguida ele se volta e caminha em direção ao altar enquanto todos cantam “**lokh tebruk u tezeghud tibel**” (a Ti se ajoelha e reverencia o universo).

No primeiro desses momentos, os diáconos que tocam os “leques musicais”, levantam os mesmos do chão e os colocam em posição inclinada e os tocam. O povo ao ouvi-los deve baixar a cabeça em sinal de reve-

RITUALÍSTICA

rência, pois é o momento em que o sacerdote parte o pão e o embebe no vinho, simbolizando o sacrifício de Cristo.

No segundo desses momentos, os diáconos com as **marwahotho** procedem da mesma forma, contudo quando o sacerdote se volta e caminha em direção ao altar esses diáconos devem ficar em fila indiana dupla de tal ordem que formem uma arcada com os “leques musicais” e o sacerdote e os diáconos com os castiçais passam por baixo até o altar enquanto abanam e tocam os “leques musicais”. O tocar dos “leques musicais” deverá continuar até o final da melodia porém após o sacerdote chegar ao altar, os leques musicais são novamente dispostos na vertical e apoiados no chão enquanto acompanham a melodia.

Também nas procissões as **marwahotho** são carregadas obliquamente ao chão enquanto são tocadas dando o ritmo da melodia aos cantores (diáconos, povo, diaconisas, freiras etc).

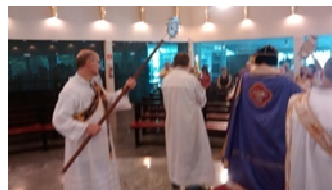
Donde vem esse uso das **marwahotho**, principalmente nesses dois momentos?

O uso das **marwahotho** na Igreja de Antioquia foi trazido do uso artístico dos “leques musicais” nos templos sumérios e assírios desde o início da história e depois passou a outros povos semitas (como os amorreus, fenícios, arameus etc). Nos tempos antigos, dos reis assírios, utilizavam os leques; qualquer outro nobre ou general não poderia usá-los durante as procissões e desfiles públicos. No início era somente para manter a brisa à família real, depois isso entrou nos templos como instrumento musical visto que o rei da Assíria era também coroado como sumo sacerdote e era carregado na procissão como rei e como sumo sacerdote.

No caso da Igreja de Antioquia, além do uso como instrumento musical, também levamos em conta que “o pão e o vinho” são o corpo e o sangue de Cristo e como Cristo em aramaico é tratado por “**maleko mexiho**” ou seja “o Rei Ungido”(Cristo em grego e **mexiho**, em aramaico significa: ungido), nada mais justo que receba o tratamento de um rei que se oferece em sacrifício pela salvação do homem e no segundo momento, “o rei que deixa seu castelo (altar) para se oferecer ao ser humano”; assim, as **marwahotho** possuem essa dupla função de leque musical e leque de honra do Rei. Esta é mais uma ds simbologias do uso das **marwahotho**. Essa última função, depois foi reforçada por Santo Inácio Teoforos, o terceiro patriarca de Antioquia (**mor lghnaTios nurono**, em aramaico) que misticamente, viu o Trono de Deus cercado pelos serafins que voavam em torno dele cantando “Santo, Santo, Santo é o Senhor, Aquele cujas glórias enchem os céus...” (na nossa missa da Igreja de Antioquia cantamos: “**qadix, qadix, qadix, morio haiêlêthono hau damlen xêmaio men texevêhothe...**” e batiam suas asas, dessa forma a brisa que saudava a Deus também gerava um som e as **marwahotho** simbolizam as asas desses querubins. Eiss mais uma simbologia e aqui vale observar que esta simbologia difere pouco da anterior pois, para a Igreja de Antioquia, Cristo é Deus e Deus é Cristo, assim como o Espírito Santo é Deus por isso, a mística do corpo e sangue de Cristo com as **marwahotho** tocando inclinadamente no ar é a mesma mística dos serafins cantando glórias a Deus e batendo suas asas ao redor Dele.



Rei assírio, Senaqueribe (705-681 a.C.), durante a recaptura de Babel; baixo relêvo de seu palácio em Nínive. Observar os súditos seguindo o rei e que levam os leques para ele.



Igreja Santa Maria (São Paulo Brasil)– Diácono com o “leque musical”.

Para saber mais:

Maspero, Gaston in *History of Egypt, Chaldea, Syria, Babylonia, and Assyria, Vol 3* (of 12) – (tradução de A.H. Sayce) - Londres, 1906. – capítulo III.

Palavras da Bíblia

Aniquilará a morte para sempre e enxugará o Senhor Deus Todo-poderoso a lágrima de todos os rostos, e o opróbrio do Seu povo eliminará de toda a Terra; porque o Senhor Deus disse:

E dir-se-á naquele dia: Este é o Senhor Deus, nosso Deus, a quem aguardávamos, rejubilemos e alegremo-nos com Sua Salvação.

Isaias (Capítulo 6)

NOSSO PATRIMONIO SOCIAL E CULTURAL

Gestão no Brasil — Documentos e Memória Fotográfica

Um dos mais significativos símbolos do patrimônio da humanidade é a escrita. Foi somente pelo registro conseguido através da escrita que o progresso avançou a largos passos pois, enquanto os desenhos eram demorados de se realizar e somente alguns iniciados conseguiam interpretá-los, a escrita era fácil de se realizar e de se aprender e interpretar. Dessa forma, as informações se transformavam rapidamente em conhecimento humano e daí até as invenções era questão de tempo.

Um caminho longo a humanidade teve que trilhar para chegar à escrita. Assim, se realmente o primeiro exemplar humanoide, segundo os cientistas que seguem a linha científica positivista, surgiu por volta de quatro milhões de anos, os primeiros registros humanos com algum significado, foram os desenhos das cavernas de Altamira (Espanha) e Chauvenet (França) que são datados de 30 mil anos atrás. Depois o ser humano deixou o nomadismo e passou a ser sedentário e com ele remodelou seus desenhos transformando-os, por volta de 6 mil anos atrás, nos hieróglifos sumérios (mil anos depois os hieróglifos aparecem no Egito) que são a evolução desses desenhos e finalmente entramos na escrita em que cada sílaba é representada por um símbolo, ou seja, a escrita cuneiforme dos sumérios no sul e dos assírios (acadianos) no norte da Mesopotâmia.

Observação interessante é que o ser humano demorou quase 20 ou 25 mil anos para desenvolver uma escrita simbólica que não fosse um desenho dos objetos mas que já fosse equivalente a sons.

Por causa da concisão, a arte da caligrafia não poderia ser considerada como elemento da escrita dos desenhos rupestres e dos hieróglifos. Depois, no tempo do cuneiforme, também não havia que considerar a arte como elemento da escrita já que era composta por linhas retas em diversas posições porém, eram símbolos escavados em elementos sólidos como pedras ou cabos de madeira de armas ou tabuletas de argila e essas, depois, seriam cozidas em fornos ou em vez de tabuletas ainda poderiam figurar em vasos e tijolos que também eram depois cozidos em fornos.

Somente com o advento da transformação do silabário cuneiforme em alfabeto é que tem início uma nova arte, a caligrafia. O mais antigo registro de alfabeto conhecido é o da região da Síria, de Ras-Shamra, conhecido como alfabeto fenício pelos gregos já que na região de Ras Shamra ficava a antiga cidade fenícia de Ugarit e foi daí que os fenícios levaram a escrita (portanto o alfabeto) ao conhecimento dos gregos.

Ainda que o mais antigo alfabeto date do 2º milênio antes de Cristo, a caligrafia como arte somente começou a despontar quando o ser humano começou a escrever sobre tecidos e peles de animais.

Desde 3.000 a.C., os egípcios já fabricavam um tecido especial, muito fino, a partir de uma planta que proliferava às margens do rio Nilo, era a "Cyperus Papyrus" ou simplesmente "papiro". Por volta de 2.600 a.C. os egípcios já escreviam sobre o papiro, porém, ainda eram hieróglifos, desenhos. Dessa época, foram descobertos rolos de papiros nas pirâmides que nada mais eram que as tumbas reais egípcias. Tais tumbas continham a contabilidade e inventário do que estava sendo deixado lá dentro, ao rei morto e seu séquito.

NOSSO PATRIMONIO SOCIAL E CULTURAL

Ainda assim, eram desenhos e não caligrafia.

Do Egito, os rolos de papiro eram levados à Síria, Fenícia (Líbano atual), Pérsia (Irã atual) e também à Grécia, Península Itálica etc.

Mas não era somente sobre papiro que se faziam registros; também era utilizada a pele de animais, principalmente ovelhas e cabras. As peles eram curtidas de tal forma que ficavam muito macias e podiam ser enroladas sobre madeira, formando os rolos. Outro material utilizado era a chapa de cobre, que por ser muito dúctil, era facilmente disposto em forma de rolo.

É claro que todos os materiais possuem uma vida finita, alguns com mais e outros com menos durabilidade em função do desgaste natural do tempo ou por causa das intempéries a que eram expostos ou a guerras e outras situações ambientais.

Por volta de 300 ou 400 a.C., já existem livros escritos sobre papiros chamados códices (singular códice ou codex) ou sobre pergaminhos de peles, na Síria, Mesopotâmia, Líbano e restante do Oriente Médio (no Egito e arredores, continuaram a usar os papiros) e, nessa época, a língua aramaica era a “língua franca” ou seja, a língua utilizada universalmente. O uso do papiro e dos pergaminhos continuou até o 10º século d.C. quando os mercadores que faziam a “rota da seda” trouxeram o papel da China. Como o processo de produção de papel era mais simples que o de papiro e o papel era material que absorvia mais uniformemente a tinta e por consequência secava sem deformar a escrita, logo ele substituiu o pergaminho e outros materiais e isso ocorreu nos dois séculos seguintes. A partir de 1200 d.C. a grande maioria das cópias de livros já era feita sobre papel.

A caligrafia é fruto de três artes; a primeira é a produção do meio sobre o qual é feito o registro (papiro, tecido, papel); a segunda é a produção da tinta do registro e o instrumento usado para colocá-la sobre o meio físico (penas de aves ou palitos de madeira, ambos, com corte especial numa ponta para “segurar” uma pequena quantidade de tinta) e a terceira e mais importante de todas foi o gênio humano que cria a arte do desenho e torna a grafia um enigma ou uma decoração e ainda por baixo de tudo, transfere a mensagem de seu espírito, do espírito humano do escritor ao espírito e mente do observador, do leitor.

Com o advento da conversão dos muitos povos ao cristianismo, tanto no Oriente:- na Mesopotâmia, na Fenícia, na Palestina, na Arábia Félix dos romanos (atual Saudi Arábia, Iêmem, Emiratos Árabes etc), na Pérsia, no Afeganistão, na Índia e até no extremo oriente como China e Japão ou para oeste, no Egito, na Etiópia, em Cartago (atual Tunísia e Marrocos), Espanha, Roma, Grécia, Gália Romana, a caligrafia reencontrou um meio físico de suporte antigo, esquecido havia 20 mil anos: a parede, só que em vez de grutas, agora seria dos novos templos. Também a tinta e os instrumentos haviam evoluído; em vez de ocre da terra como tinta agora havia todos os pigmentos desenvolvidos pelos fenícios e chineses e outros povos e em vez de pedaços de pau e gravetos, agora havia pincéis. Também a mensagem era outra. Eram frases bíblicas, principalmente frases de Cristo e de seus discípulos, do Novo Testamento, bem como frases de santos dos primórdios do cristianismo.

(continua no próximo número)



❖ رَسُوعَتِ الْمَسِيحِ ❖
Nossa Senhor Ressuscitou!

SAIFO - O GENOCÍDIO DOS SIRÍACOS

(PARTE II)

No número passado, vimos a o relato do “Saifo” pelos olhos de um general inglês. Ainda que o autor da introdução houvesse se esforçado para conseguir a melhor condição para os refugiados assírios, ainda assim ele não deixou de eximir de culpa o governo inglês para que esse não fosse visto como parte da maldade cometida contra o povo assírio que heroicamente (segundo ele) ajudou na vitória dos aliados (os Governos da Entente). Ele tentou jogar a culpa do resultado sobre o governo russo que abandonou os assírios e no entanto esse general, involuntariamente deixa transparecer sua indignação interna quando afirma que : *“Nosso Menor Aliado, agora, não possui sua casa..... embora ele tenha amarrado sua sorte com o lado vitorioso, em última análise, os curdos e outros inimigos derrotados, estão na posse real das heranças dele, em ruínas. Tal estado de coisas é incompreensível para a mente deste povo.....”*. Duas coisas a observar: “o lado vitorioso” são os franceses e ingleses enquanto que “os curdos e outros inimigos derrotados” são os curdos, os turcos e os alemães.

Neste número veremos a introdução de um livro escrito em árabe, durante a 1ª Guerra Mundial (1914-1918), publicado e distribuído em 1919. A introdução todavia foi escrita pelo autor, no idioma francês. Foi o primeiro livro escrito sobre a época da 1ª Guerra Mundial no Oriente, numa língua popular no Oriente e muito conhecida no Ocidente, quicá o primeiro livro que alertou sobre o **Genocídio** e “**limpeza religiosa**” das populações minoritárias no Oriente. Trata-se de “*al-Qouçara fi nakabat an-Naçara*” subtítulo em francês: “**Les Calamités des Chrétiens**”. O livro, como o nome em árabe bem o diz, é um breve relato das calamidades que ocorreram aos cristãos. Trata do genocídio perpetrado pelo governo otomano (atual Turquia) e seus comandados, as tribos curdas, que vinham invadindo o noroeste da Mesopotâmia (sudeste da Turquia, vindos do Irã) havia 700 anos.

O autor, na época, era um padre siríaco da Igreja Romana e por isso, ele chama os siríacos que seguem a orientação da Igreja Romana de siríacos católicos, os da Igreja Assíria do Leste ele os chama de nestorianos e os seguidores da Igreja Siríaca Ortodoxa de Antioquia ele chama de siríacos jacobitas. Tanto o termo nestoriano quanto jacobita são considerados pejorativos pelos fiéis dessas Igrejas. Além disso, o ponto de vista dele é que os franceses, por serem adeptos da Igreja Romana, são considerados como protetores do cristianismo no Oriente quando, na verdade, os franceses tiveram uma participação superficial na guerra contra os otomanos e no entanto, pelo acordo Sykes-Picot, eles acabaram dividindo o Oriente conforme os interesses ingleses e franceses.

O autor é o padre Issahaq Armale (1879-1954), autor de 50 livros (40 impressos), profundo conhecedor do idioma aramaico e professor contratado de aramaico no famoso orfanato de Adana (1923) conhecido originalmente como “*Orfanato dos Assírios em Cilícia*” (em aramaico: *beth yathme dothuroye ed qiliqyia*) donde saíram muitos dos mais famosos autores em idioma aramaico no século passado.

“*al-Qouçara fi nakabat an-Naçara*” é referência obrigatória em qualquer trabalho acadêmico sobre o “Saifo” e é a referência mais antiga sobre o Genocídio dos Assírios e Armênios e o reconhecimento da existência dessa catástrofe. Todos os relatos escritos pelos armênios sobre essa época de calamidades foram posteriores a ele e dele dependem. É essa obra que dá embasamento a todas as obras sobre o Genocídio de 1915.

Eis o prefácio francês, traduzido ao português.

AL-QOUÇARA FI NAKABAT ANNAÇARA

(As calamidades dos cristãos)

por

Uma testemunha ocular

Documento autêntico raro e relatando, com riqueza de detalhes, o martírio dos cristãos na Turquia e na Mesopotâmia, especialmente em Mardin, suportando - com coragem e audácia - as opressões, agressões, seqüestros, deportações, prisões, assassinatos e toda sorte de crimes e isso em 1895 e durante o período de 1914-1919.

Ao Leitor

Bem no início das hostilidades que explodiram entre os poderes da Europa, em agosto de 1914, começamos a registrar por escrito os eventos que ocorreram em Mardin e seus arredores; quando massacres sangrentos, em abril de 1915, assolaram a Armênia, fomos obrigados a continuar o nosso trabalho nas margens de livros antigos que foram escondidos para subtraí-los das buscas do governo turco. Esforçamo-nos por sermos tão precisos quanto possível, por isso em nosso trabalho não citamos senão as histórias que ouvimos dos lábios dos poucos sobreviventes que escaparam da morte.

Dividimos o nosso livro em cinco partes no designio de o tornar mais útil ao leitor que quiser conhecer os malefícios perpetrados pela Turquia e as perseguições contínuas a que se submeteram os habitantes infelizes desses países desde tempos imemoriais.

A primeira parte contém um resumo dos acontecimentos da Mesopotâmia até 1895; nos primeiros 9 capítulos, páginas 1 a 66, tratamos da história deste país particularmente Mardin; no capítulo 10 falamos um pouco sobre o reino da Armênia; nos capítulos seguintes encontra-se, desde sua origem, a história da Igreja Armênia, da Siríaca e da Caldaica, da Missão Latina dos padres Capuchinhos, e a missão protestante; Capítulo 16, falamos sobre os massacres de 1895 em Deirbekir, Orfa, Mardin e seus arredores.

Na 2ª Parte, páginas 67 a 147, agrupamos as notícias da guerra desde sua declaração até o mês de junho de 1915, tentamos expor nos primeiros 5 capítulos as causas da guerra e protestamos contra os Estados que não quiseram defender a causa dos cristãos inocentes; nos capítulos seguintes são relatadas, dia a dia, notícias de Mardin; no capítulo 14, página 114, falamos sobre os Padres Capuchinhos, as Irmãs Franciscanas e três padres dominicanos, os Reverendíssimos Padres D. Berré, J. Rhetore e H. Simon; no Capítulo 18 dizemos como soldados turcos invadiram as igrejas para prender as pessoas jovens que tenham atingido a idade exigida para o serviço militar; no capítulo 19, falamos sobre o *Firman* e a *Comenda* enviados de Constâniopla a Monsenhor Malauian, da ocupação da igreja dos armênios, e reproduzimos textualmente a carta de despedida de Monsenhor Malauian dirigida a seus fiéis exortando-os a perseverar na fé, página 135; Capítulo 21 detenção e assassinato de padre Jean Chouha, um padre caldeu.

Na Parte 3ª, falamos sobre as deportações, prisões e massacres, página 118 a 331; também damos o nome dos que fizeram dano aos cristãos, como Rashid Wali de Deirbekir, Haj Zelfi deputado de Deirbekir, Khalil Adib, o Mutesarrif Badri, o odioso Mamdouh e outros; no capítulo 4, página 161, prisão de Monsenhor Malauian com alguns de seus fiéis e as torturas a que foram submetidos nas prisões; veremos no capítulo 5 como os turcos julgaram Monsenhor Malauian e condenaram-no às mais horríveis torturas; nos capítulos seguintes, falamos longamente da prisão dos cristãos, de seu encarceramento, da deportação do 1º comboio composto por Monsenhor Malauian, por sacerdotes de vários ritos e 417 cristãos católicos e seu massacre, páginas 184 a 198; capítulo 10: notícias falsas que foram espalhadas sobre um comboio; Capítulo 11: orações e votos dos cristãos; capítulo 12, página 207, deportação de um segundo comboio; capítulo 13 massacre de 84 cristãos; capítulo 15, regresso a Mardin dos sobreviventes do segundo comboio, retorno dos siríacos a suas casas para que os armênios ficassem sozinhos nas prisões; capítulo 16, torturas conce-

SAIFO O GENOCÍDIO DOS SIRÍACOS

(PARTE II)

bidas pela barbarie dos turcos conforme história relatada em detalhes pelas próprias pessoas que sofreram tais tormentos terríveis, páginas 226 a 237; no capítulo 17, massacre do restante dos armênios: nós dedicamos o capítulo 19, páginas 224 a 251, à França, protetora dos cristãos; também falamos do massacre de um padre capuchinho francês, Padre Leonard que teve a bondade de nos permitir copiar as notícias do que ocorreu dia a dia em Mardin; fechamento de igrejas; alguns armênios são forçados a renegar a fé e abraçar o islamismo; conduta escandalosa de funcionários turcos e seus crimes; chegada dos comboios da Armênia; massacre do jovem Antoune Mamarbachi por Gobecho, depois preso em Aleppo; capítulo 27, página 278, deportação de Mardin de um comboio de mulheres e seu massacre, página 283; falamos em seguida, dos monges do mosteiro de Santo Éfrem dos siríacos católicos e carta de despedida de Monsenhor Gabriel Tappouni, vigário patriarcal em Mardin, a seus fiéis, que nesses dias de perseguição e de injustiça ele também estava sujeito ao martírio, em seguida a história da deportação de mulheres até o final de setembro; sua coragem destemida no meio de tanta tortura.

Na 4ª parte, falamos longamente dos massacres da Mesopotâmia em Orfa, Deirbekir, Déreké, Quairan-Char, Ras-el-Ain, Deir-el-Zor; exilados cristãos em Sinjar; massacres em El-Jazirah, Siirt (missão dos padres dominicanos), Karboran e nas aldeias de Tur Abdin: Deir-el-Oumor, Deir-es-Salib, Bassebrina, Mediath e Salah: capítulo 16, página 401, falamos sobre o assassinato de Dr. Naman Kara Golla com sua esposa Stella, filha de Jean Tolo de Baltimore; Ain-Ouard em Tour-Abdin; massacre em Kafar-Josa, Baté-Kelleth, Hessen-Kifa, Es-Sor, Nsibin e Dara; mosteiro de El-Zafaran dos siríacos jacobitas; massacre de cristãos de Kalét-Mara, Maçarta, Bafaoua, Banabil, El-Mansouryé e El-Gollyé; finalizamos essa 4ª parte com a história dos massacres em Tall-Arman.

A 5ª parte abarca um pouco mais de 50 páginas: venda dos bens dos armênios, descoberta do seu dinheiro e objetos preciosos que estavam escondidos; chegada a Mardin dos turcos vindos da Armênia para ocupar as casas dos armênios massacrados; a peste; os cemitérios, a fome, orfanatos e hospitais dos siríacos católicos; perigos acumulados contra Monsenhor Gabriel Tappouni por salvar muitas crianças armênias; os três padres dominicanos abandonados na igreja dos siríacos católicos de 26 de dezembro de 1914 a 18 de Novembro de 1916, órfão salvo do massacre; chegada de Anwar Pasha com oficiais alemães na Mesopotâmia; poços, cavernas e montanhas que serviram de local de sepultamento aos cadáveres cristãos; o exército, os diáconos e os fugitivos; no capítulo 17, estendemos nossos agradecimentos àqueles que protegeram os cristãos e deram sua contribuição para aliviar sua angústia; e nós não poderíamos pensar em completar nossa obra melhor do que recontar os detalhes do aprisionamento de Monsenhor Gabriel Tappouni, seu comparecimento na Corte Marcial em Aleppo, seu encarceramento com o Reverendo Padre Simon, os diversos castigos, finalmente a libertação e retorno a Mardin; armistício, ocupação da Síria até Tall-Abiad pelos exércitos dos aliados; chegada em Mardin de Monsenhor Pierre Koyinian, Delegado Visitante Apostólico para os armênios católicos, em 11 de outubro de 1919.

E este infeliz país, teatro dos crimes mais chocantes e das abominações mais infames em pleno século de civilização, agora definhando sob o jugo de carrascos em nossos dias; esperamos enfim que coloque termo a esas chacinas humanas que despovoaram estas regiões outrora tão florescentes, e que, para o preço do sangue de tantos mártires tão injustamente derramado, esses países pobres possam ver épocas mais calmas e melhores dias para o desenvolvimento e alargamento do cristianismo e o triunfo da cruz!

Palavras da Bíblia

De tal maneira amou Deus o mundo que Seu Filho Unigênito deu para que todo aquele que crê nEle não pereça mas ganhe a vida eterna!

João (Capítulo 3)

Oração pelos Sacerdotes e Diáconos que serviram em vida.

Os sacerdotes e diáconos¹
Que Te serviram, Nosso Senhor,
Nas igrejas e mosteiros²
No tempo de suas vidas,
O Sagrado Sacrifício do Altar que
Sobre suas mãos levantaram,
Teu Corpo e Sangue valoroso
Sejam para o perdão de suas dívidas³,
Suas dívidas⁴ sejam por Teu Corpo perdoadas
Seus pecados por Teu Sangue, remitidos
E de Tua direita a Ti clamarão⁵
Glória a Ti, Senhor Deus!

[oração da Hora Terceira do Sábado – extraída do
Livro de Orações da Semana Comum da Igreja Siríaca de Antioquia -
Mosteiro de S. Marcos - Jerusalém, 1936]

Observações:

- ¹ em aramaico: **mëxamxone** = servidores e que engloba diáconos, diaconisas, frades e freiras.
² Mosteiros (em aramaico **dayrotho**) inclui o que em português chamamos de conventos
³ Dívidas são as dívidas morais e não as pecuniárias, financeiras
⁴ Idem à observação anterior (³)
⁵ “E de Tua direita” = quando estiverem contigo ó Deus



SAIFO - O GENOCÍDIO DOS SIRÍACOS

TEXTO FRANCÊS

AL-QOUÇARA FI NAKABAT ANNAÇARA

(Les Calamites Des Chrétiens)

Par

Un Temoïn Occulaire

Document authentique rare, relatant les plus amples details, sur la martyrisation des Chrétiens en Turquie et en Mesopotamie, et notamment à Mardine, supportant - avec courage et audace - les oppressions, agressions, enlèvements, déportations, captivités, massacres et toutes sortes de crimes, et ce en 1895, et durant la période allant de 1914 à 1919.

Au Lécuteur

Au debut même des hostilités qui éclatèrent entre les puissances de l' Europe, en août 1914, nous avons commencé à mettre par écrit la suite des évènements qui se passaient à Mardin et ses environs; lors des sanglants massacres d'avril 1915, qui désolèrent l'Arménie, nous avons été obligés de continuer notre travail sur la marge de vieux livres tenus cachés pour les soustraire aux recherches du gouvernement turc. Nous nous sommes efforcés d'être le plus exact possible, pour cela nous avons tenu à ne citer dans notre ouvrage que les récits que nous avons entendus de la bouche même de ces rares survivants échappés à la mort.

Nous avons divisé notre livre en cinq parties dans le but de le rendre plus utile au lecteur désireux de connaître les méfaits de la Turquie, et les persécutions continuelles dont les habitants de ces contrées malheureuses ont été l'objet de temps immémorial.

La 1^e Partie renferme en résumé les évènements de la Mésopotamie jusqu'en 1895; dans les 9 premiers chapitres, p. 1-66, nous avons traité l'histoire de ce pays particulièrement de Mardin; au chapitre 10 nous avons dit quelques mots sur le royaume d'Arménie; dans les chapitres qui suivent on trouvera depuis son origine l'histoire de l'Eglise Arménienne, Syrienne et Chaldéenne, de la mission latine des P.P.Capucins, et de la mission protestante; au chapitre 16, nous avons parlé des massacres de 1895 à Diarbékir, Orfa, Mardin et ses alentours.

Dans la 2^e Partie, p. 67-147, nous avons groupé les nouvelles de la guerre depuis sa déclaration jusqu'au mois de Juin 1915, nous avons essayé dans les 5 premiers chapitres d'exposer les causes de la guerre, et protesté contre les Etats qui n'ont point voulu défendre la cause des chrétiens innocents; dans les chapitres qui suivent sont relatées au jour le jour les nouvelles de Mardin; au chapitre 14, p. 114, nous avons parlé des P.P. Capucins, des Soeurs Franciscaines et de trois Pères Dominicains, les R.R.P.P D.Berré, J. Rhétoré, et H. Simon; au chapitre 18 nous avons dit comment les soldats turcs ont envahi les églises pour arrêter les jeunes gens qui ont atteint l'âge requis pour le service militaire; au chapitre 19 nous avons parlé du Firman et de la Décoration envoyés de Constaniople à M^{gr} Malauian, de l'occupation de l'église des Arméniens, et nous avons reproduit textuellement la lettre d'adieux de M^{gr} Malauian adressée à ses fidèles pour les exhorter à persévérer dans la foi, p. 135; au chapitre 21 arrestation et massacre du P. Jean Chouha, prêtre chaldéen.

Dans la 3^e Partie nous parlons des déportations, des emprisonnements et des massacres, p. 118-331; nous avons nommé d'abord les auteurs des maux infligés aux chrétiens, tels que Rachid Wali de Diarbékir, Haj Zelfi député de Diarbékir, Khalil Adib, le Mutésarrif Badri, l'odieux Mamdouh, et autres; au chapitre 4, p. 161, arrestation de M^{gr} Malauian avec une partie de ses fidèles, et tortures qu'ils aurent à subir dans les pri-

SAIFO - O GENOCÍDIO DOS SIRÍACOS**TEXTO FRANCÊS**

sons les arméniens seuls; chapitre 16, tortures imaginées par la barbarie turque, détails d'après le récit de ceux-là mêmes qui ont subi ces tourments affreux, p. 226-237; au chapitre 17, massacre du reste des Arméniens: nous avons consacré le chapitre 19, p. 224-251, à la France protectrice des chrétiens; nous y parlons aussi du massacre d'un Père Capucin français le P. Léonard qui a eu la bienveillance de nous donner à copier les nouvelles qui se passaient journellement à Mardin; fermeture des églises; certains arméniens sont contraints d'abjurer la foi pour embrasser l'islamisme; conduite scandaleuse des fonctionnaires turcs et leurs crimes; arrivée des convois d'Arménie; massacre du jeune Antoune Mamarbachi par Gobecho emprisonné plus tard à Alep; chapitre 27, p. 278, déportation de Mardin du 1^{er} convoi de femmes et leur massacre, p. 283; nous avons parlé ensuite des moines du convent de St Ephrem pour les Syriens catholiques, et la lettre d'adieux à ses fidèles de M^{gr} Gabriel Tappouni, vicaire patriarcal à Mardin, qui dans ces jours de persécution et d'injustice se disposait lui aussi au martyre, mais le bon Dieu l'a conservé pour l'édification de son Église, et l'a protégé en d'autres circonstances encore non moins difficiles, p. 295; emprisonnement des moines de St Ephrem, leur libération; suite du récit de la déportation des femmes jusqu' à la fin de Septembre; leur courage intrépide au milieu des tortures.

Dans la 4^e Partie nous avons parlé longuement des massacres de Mésopotamie à Orfa, diarbékir, Déreké, Quairan-Char, Ras-el-Ain, Deir-el-Zor; chrétiens exilés à Sinjar; massacres à El-Jézireh, Séert (mission des P.P. Dominicains), Karboran, et aux villages de Tour Abdin: Deir-el-Oumor, Deir-es-Salib, Bassebrina, Mediath, et Salah; au chapitre 16, p. 401 nous avons parlé du massacre du docteur Naman Kara-Golla avec sa femme Stella, fille de Jean Tolo de Baltimore; siège de Ain-Ouard à Tour-Abdin; massacre à Kafar-Josa, Baté-Kelleth, Hessen-Kifa, Es-Sor, Nsibin et Dara; couvent El-Zafaran, pour les Syriens-Jacobites; massacre des chrétiens de Kalét-Mara, Maçarta, Bafaoua, Banabil, El-Mansouryé et El-Gollyé; nous terminons cette 4^e Partie par le récit des massacres à Tall-Arman.

La 5^e Partie embrasse un peu plus de 50 pages: vente des biens des Arméniens, Découverte de leur argent et objets précieux cachés; arrivée à Mardin des Turcs d'Arménie pour occuper les maisons des Arméniens massacres; la peste; les cimetières, la famine, orphelinat et hôpital des Syriens catholiques; dangers qu'a courus M^{gr} Gabriel Tappouni en sauvant beaucoup d'enfants arméniens; les trois Pères Dominicains retirés dans l'église des Syriens catholiques du 26 Décembre 1914 au 18 Novembre 1916; un orphelin sauvé du massacre; arrivée en Mésopotamie d'Anwar Pacha avec des officiers allemands; puits, grottes et montagnes qui ont servi de lieu de sépulture aux cadavres des chrétiens; l'armée, les diacres et les fuyards; au chapitre 17 nous avons adressé nos remerciements à ceux qui ont protégé les chrétiens et contribué pour leur part à les soulager dans leur détresse; et nous n'avons pas pensé achever mieux notre ouvrage qu'en racontant dans leurs détails l'arrestation de Mgr Gabriel Tappouni, sa comparution devant la Cour Martiale à Alep, son emprisonnement avec le R.P. Simon, supplices variés, enfin libération et retour à Mardin; armistice, occupation de la Syrie jusqu'à Tall-Abiad par les armées des alliés; arrivée à Mardin de Mgr Pierre Koyinian visiteur apostolique pour les arméniens catholiques, le 11 Octobre 1919.

Et ce malheureux pays théâtre des crimes les plus révoltants et des abominations plus infames en plein siècle de civilisation, languit encore jusqu'aujourd'hui sous le joug des bourreaux; nous espérons qu'on mettra enfin un terme à ces boucheries humaines qui ont dépeuplé ces régions autrefois si florissantes, et que pour prix du sang de tant martyrs si injustement répandu ces pauvres pays obtiennent de voir des temps plus calmes et des jours meilleurs, pour le développement et l'extension du christianisme et le triomphe de la croix!



Semana Santa

Programação

**Հիշատակի Հիշատակ Քառօրե Հիշատակ
 Լսելու**

Dia	Mês	Dia da Semana	Hora	Comemoração
5	Abril	Domingo	11:00	Domingo de Ramos
5	Abril	Domingo	19:00	Vigília
9	Abril	quinta-feira	10:00	Santa Ceia
9	Abril	quinta-feira	20:00	Lavapés
10	Abril	sexta -feira	20:00	Paixão e Morte de Cristo
12	Abril	Domingo	11:00	Ressurreição de Cristo

Հիշատակ	Ժամ	Հիշատակ	Ժամ	Հիշատակ
Հիշատակ	11:00	Երեքշաբթի	10:00	Երեքշաբթի
Երեքշաբթի	7:00	Կիրակի	8:00	Կիրակի
Կիրակի	10:00	Երեքշաբթի	8:00	Երեքշաբթի
Երեքշաբթի	8:00	Կիրակի	8:00	Կիրակի
Կիրակի	8:00	Երեքշաբթի	11:00	Երեքշաբթի
Երեքշաբթի	11:00	Կիրակի		Կիրակի



